

Jack London

mil mortes & outras histórias

TRADUÇÃO

Livia Koepl

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Cleber Pacheco e Daniel Zanella

SUPERVISÃO E NOTAS: Cleber Pacheco

PREPARAÇÃO: Dáblio Jotta

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L847m London, Jack. 1876-1916

Mil mortes & outras histórias/ Jack London. — Tradução: Livia Koepl – 1.ª edição, Guaratinguetá, SP: Penalux, 2018.

164 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-358-0

1. Literatura norte-americana 2. Contos 3. Ficção científica I.
Koepl, Livia II. Título.

CDD 813.93

Índice sistemático:

1. Literatura norte-americana

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Mil mortes¹

FIQUEI NA ÁGUA por cerca de uma hora e, exausto, com frio e uma terrível cãibra na panturrilha direita, parecia que minha hora tinha chegado. Lutando inutilmente contra a forte correnteza, eu tinha visto passar o cortejo enlouquecedor de luzes da orla, mas tinha desistido, então, de nadar de peito contra a maré e me contentara com os pensamentos amargos de uma vida desperdiçada, agora chegando a seu fim.

Tive sorte de nascer em uma boa e tradicional família inglesa, mas tive pais cujo saldo no banco em muito excedia o conhecimento que tinham da natureza infantil ou da educação de uma criança. Mesmo nascido em berço de ouro, me era desconhecido o abençoado ambiente do círculo familiar. Meu pai, um homem muito instruído e um celebrado antiquário, não dava a menor atenção à sua família, perdendo-se constantemente nas abstrações do seu estudo; enquanto minha mãe, mais famosa por sua beleza do que por seu bom senso, satisfazia-se com a adulação de uma sociedade na qual estava perpetuamente imersa. Como um garoto da

1. Primeira publicação em *The black cat*, maio de 1899.

burguesia inglesa, passei pela rotina da escola e da universidade, e, conforme os anos me trouxeram força e paixões cada vez maiores, meus pais subitamente perceberam que eu tinha uma alma imortal e tentaram frear esse ímpeto. Mas era tarde demais; eu cometia as mais selvagens e audaciosas loucuras, sendo deserdado pela minha família, banido pela sociedade que há tanto tempo eu escandalizava, e, com as mil libras que meu pai me dera, junto com a declaração de que nunca mais me veria novamente nem me daria mais dinheiro, peguei uma passagem de primeira classe para a Austrália.

Desde então, minha vida tinha sido uma longa peregrinação — do Oriente ao Ocidente, do Ártico para a Antártida — até me ver, por fim, um experiente lobo do mar aos trinta anos, em pleno vigor da minha masculinidade, me afogando na Baía de São Francisco² devido a uma desastrosa tentativa de desertar do navio.

Minha perna direita estava exaurida pela cãibra, e eu sorria com a mais intensa agonia. Uma leve brisa agitou o mar revoltado, entrou na minha boca e desceu pela garganta, e não consegui impedi-la. Embora eu ainda me forçasse a ficar na superfície, era algo meramente mecânico, porque rapidamente eu perdia a consciência. Tenho uma débil recordação de ficar à deriva, passar o quebra-mar, e de vislumbrar a luz de estibordo de um navio a vapor, que vinha em minha direção; e depois tudo ficou branco.

2. A Baía de São Francisco é situada na Califórnia, drenando 40% dos cursos de água da região, até alcançar o Oceano Pacífico. A Baía é um local de transporte, servindo como entreposto e posto de embarcações comerciais.



Ouvi o zumbido baixo de um inseto e senti o ar agradável de uma manhã de primavera roçar em minha bochecha. Gradualmente, o zumbido assumiu um fluxo rítmico, a cujas suaves pulsações meu corpo parecia responder. Eu fluava no colo gentil de um mar de verão, subindo e descendo com um prazer sonhador, a cada sussurro das ondas. Mas as pulsações ficaram mais fortes; o zumbido, mais alto; as ondas, maiores, mais violentas — eu era jogado contra o mar tempestuoso. Uma grande agonia me dominava. Centelhas de luzes brilhantes, intermitentes, piscaram do outro lado do meu inconsciente; em meus ouvidos havia o som de muitas águas; então, um súbito estalo de algo intangível, e eu acordei.

A cena da qual eu era protagonista foi das mais curiosas. Uma olhada foi suficiente para me informar que estava deitado no chão da cabine do iate de algum cavalheiro, na posição mais desconfortável possível. Ao meu lado, segurando cada um dos meus braços e levantando-os e abaixando-os como se fossem uma bomba de gasolina, estavam duas criaturas vestidas de forma peculiar, de pele escura. Embora eu estivesse familiarizado com todos os tipos de aborígenes, não pude adivinhar sua nacionalidade. Algum acessório, que conectava meus órgãos respiratórios com a máquina que irei descrever agora, fora fixado em minha cabeça. Minhas narinas, no entanto, tinham sido tapadas, o que me forçava a respirar pela boca. Reduzidos pela obliquidade da minha linha de visão, entrevi dois tubos parecidos com pequenas

mangueiras, mas de um material diferente, que saíam de minha boca e seguiam cada um em direção a um ângulo agudo. O primeiro chegava até uma súbita extremidade e jazia no chão, ao meu lado; o segundo atravessava o chão em muitas bobinas, conectadas com o aparelho que prometi descrever.

Antes da minha vida se tornar secundária, eu tinha explorado, e não foi pouco, a ciência, e, familiarizado com os aparelhos e toda a parafernália do laboratório, pude apreciar a máquina que então contemplava. Era composta principalmente de vidro, aquele tipo de vidro rústico empregado em propósitos de experimentação. Um recipiente de água estava cercado por uma câmara de ar, na qual estava fixado um tubo vertical, em cima de uma esfera. No centro disso tudo estava um medidor a vácuo. A água no tubo se agitava para cima e para baixo, criando inspirações e expirações alternadas, que, por sua vez, se comunicavam comigo por meio da mangueira. Com isso, e com a ajuda dos homens que bombeavam meus braços de forma tão vigorosa, o processo de respiração foi artificialmente imitado, meu peito subia e descia, e meus pulmões se expandiam e contraíam, até que a natureza fosse convencida a assumir novamente seu trabalho habitual.

Quando abri os olhos, haviam removido o aparelho sobre minha cabeça, narinas e boca. Traguei três dedos de um forte *brandy*³ que me deram, e fiquei de pé, cambaleante, para agradecer a meu salvador, dando de cara com... meu pai. Contudo, longos anos de comunhão com o perigo tinham

3. Brandy: conhaque. Bebida decorrente da destilação do vinho.

me ensinado a ter autocontrole, e esperei para ver se iria me reconhecer. Nada disso, ele via em mim apenas um marinheiro fugido e me tratava como tal.

Deixando-me aos cuidados dos negros, ele desceu para revisar as anotações que tinha feito sobre minha ressuscitação. Enquanto eu comia o bonito prato que me serviram, começou uma confusão no deque, e, pela cantoria dos marinheiros, barulhos das roldanas e equipamentos, presumi que estávamos começando a zarpar. Que diversão! Fazer um cruzeiro com meu solitário pai no amplo Pacífico! Mal me dei conta, enquanto ria comigo mesmo, do rumo que essa piada iria tomar. Sim, se eu soubesse, teria mergulhado ao mar e dado as boas-vindas à proa suja da qual tinha escapado há pouco.

Não permitiram que eu subisse ao deque até que lançassem âncora nas Farallones⁴ e o último marinheiro desembarcasse. Eu apreciei esse gesto da parte do meu pai e fiz questão de lhe agradecer calorosamente, com minha lábia de homem do mar. Não suspeitei que ele tinha seus próprios objetivos em vista, ao manter minha presença secreta a todos, com exceção da tripulação. Ele me contou brevemente a respeito do meu resgate feito pelos marinheiros, garantindo-me que o dever estava a seu favor e que minha aparição tinha sido a mais oportuna. Ele tinha construído o aparelho para provar uma teoria a respeito de certo fenômeno biológico e estava esperando uma oportunidade de usá-lo.

4. As Ilhas Farallones situam-se na costa de São Francisco, Califórnia, Estados Unidos.

“Você provou a teoria, sem dúvida”, ele disse; e depois acrescentou, com um suspiro, “mas foi só um pequeno caso de afogamento”. Então, para pôr um fim na minha conversa fiada, ele me ofereceu um adiantamento de duas libras em cima dos meus salários anteriores para velejar com ele, e considerei isso muito generoso, já que, na verdade, ele não precisava de mim. Ao contrário de minhas expectativas, não me juntei à bagunça dos marujos na dianteira: a mim foi designada uma confortável cabine de navio e um lugar à mesa de refeições do capitão. Ele tinha percebido que eu não era um marinheiro comum, e resolvi aproveitar essa oportunidade para cair de novo em suas boas graças. Teci um passado ficcional para explicar minha educação e presente posição, e fiz o possível para conversar com ele. Não tardei em declarar uma predileção por atividades científicas, nem ele em apreciar minha atitude. Tornei-me seu assistente, com um aumento de salário condizente, e, logo, conforme ele fazia mais confidências e expunha suas teorias, fiquei tão entusiasmado quanto ele.

Os dias passaram voando, pois eu estava profundamente interessado em meus novos estudos, passando todo o meu tempo desperto em sua bem abastecida biblioteca ou ouvindo seus planos e ajudando-o em seu trabalho no laboratório. Mas fomos forçados a renunciar a muitos experimentos atraentes, já que um navio que vivia ondulando não era exatamente um lugar adequado para um trabalho intrincado ou delicado. Prometeu-me, contudo, muitas horas agradáveis no magnífico laboratório para o qual estávamos indo. Tomara

posse de uma ilha inexplorada nos Mares do Sul, ele disse, e a transformara num paraíso científico.

Na ilha, não tardei a descobrir o terrível ninho de vespas no qual tinha caído. Mas antes que eu descreva os estranhos acontecimentos que vieram a ocorrer, devo traçar brevemente as causas que culminaram na experiência mais assustadora que ocorreu no destino de um homem.

Tarde na vida, meu pai abandonara os encantos bolorentos das antiguidades e sucumbira a práticas mais fascinantes, encabeçadas pela biologia, de modo geral. Tendo se aprofundado completamente durante sua juventude nos fundamentos, muito rápido ele explorou os ramos mais altos dessa árvore e avançou tão longe quanto o mundo científico permitia, encontrando-se na terra de ninguém do desconhecido. Era sua intenção se apropriar de parte desse território não reivindicado, e foi nesse estágio das suas investigações que nos reunimos novamente. Tendo um bom cérebro, embora diga isso por mim mesmo, dominei suas especulações e métodos de raciocínio, tornando-me quase tão louco quanto ele. Mas não devo dizer isso. Os maravilhosos resultados que obtivemos mais tarde podem somente provar sua sanidade. Só posso dizer que ele era o mais anormal espécime de crueldade e sangue-frio que já vi.

Depois de ter penetrado os mistérios duais da fisiologia e da psicologia, seu pensamento tinha-o levado à margem de um grande campo, no qual, a fim de melhor explorá-lo, ele começou a estudar profundamente química orgânica, patologia, toxicologia e outras ciências e subciências, que

A VIDA CURTA E EXTREMA de Jack London (1876-1916) não o impediu de entrar para a história da literatura mundial pela força de sua escrita. Filho de pai astrólogo (foi rejeitado por ele e criado pelo padrasto) e de mãe professora de piano e espiritualista, escreveu livros que refletem aspectos de sua personalidade aventureira e atravessam um certo sonho de mundo — a imensidão: foi entregador de jornais, lavrador, operário, pescador, marinheiro, viajou pelos Estados Unidos e pelo mundo, participando da corrida do ouro no Canadá e no Alasca, contornou o Cabo Horn, conheceu os mares do sul, o Japão, caçou focas na Sibéria, viajou clandestinamente de trem, foi preso por vadiagem. Esteve em movimento. Foi pirata.

Descreveu tudo em cerca de cinquenta livros, entre romances, relatos biográficos, contos e ficção científica, com destaque para *Caninos Brancos* (1906) e *O Lobo do Mar* (1904). Estabeleceu, a partir de suas aventuras escritas, um círculo de admiradores.

Seu espírito impetuoso influenciou inúmeras gerações de autores, em busca de seu frescor e do talento para a dramaticidade, para a amplitude, de um Ernest Hemingway a Jack Kerouac. Todos, de certo modo, em busca do coração selvagem.



De fato, sua obra é extensa, como comprovam os contos selecionados neste livro, um narrador capaz de lançar delicadamente o leitor em seu epicentro, do gesto ao fantástico.

Jack London morreu em 1916, de causas não muito esclarecidas — as hipóteses percorrem de acidente até suicídio motivado por uma overdose de morfina —, rumo à jornada desconhecida.